



A Santa Sé

DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II DURANTE A VISITA AO HOSPITAL DE «SANT' IAGO» DE ROMA

Domingo, 21 de Dezembro de 1980

Irmãos e filhos caríssimos

1. Depois da visita por mim realizada, em Dezembro do ano passado, ao Hospital primário do Santo Espírito «in Sassia» e ao homónimo Pio Instituto, desejei vivamente vir a este Centro nosológico, dedicado e quase consagrado à assistência e à cura dos doentes. Se se olha, de facto, para a sua antiguidade e história história de quase sete séculos —, ele tem títulos não inferiores nem secundários para ser considerado como convém e insere-se dignamente, pela qualificada actividade que nele é realizada ainda hoje, no quadro bastante vasto e uniforme da organização sócio-sanitária e das estruturas hospitalares da Urbe. Hoje é parte importante da «Unidade Sanitária Local, Roma Primeira».

Mas eu vim — como bem compreendeis — não tanto para fazer notar os aliás importantes elementos externos que distinguem o Sant'Iago, quanto para encontrar-me, segundo a natureza da minha missão de Bispo de Roma, com as pessoas que estão aqui presentes. Desejo, por isso, saudar as Autoridades políticas e administrativas, a começar pelo Senhor Presidente da Junta Regional Lacial e pela Presidente da Comissão de gestão da mencionada Unidade Sanitária, a quem agradeço a gentil saudação de boas-vindas. Como pastor que *deseja estar e deve estar* perto das ovelhas do seu rebanho, penso em seguida em todos aqueles que trabalham aqui como agentes sanitários e aqui sofrem com as dores da doença: penso em vós, Senhores Médicos, Assistentes e Enfermeiros, e sobretudo em vós, amadíssimos Irmãos enfermos: todos vós, um a um, desejo agora saudar em nome do Senhor. Vejo no meio de vós Dom Fiorenzo Angelini, que há tantos anos se ocupa activamente da pastoral hospitalar, e estão com ele os zelosos Capelães, as Irmãs Enfermeiras, o Concelho Pastoral do Hospital e os beneméritos voluntários na assistência aos enfermos; por isso, também a estes dirijo de boa vontade a minha cordial

saudação.

2. Desde o início, teve o Hospital de Sant'Iago aqui a sua sede por uma escolha certamente não casual. Como no caso do Hospital do Santo Espírito, os beneméritos fundadores e promotores preocuparam-se por que ele surgisse numa zona vizinha das vias Cássia e Flamínia, tantas vezes percorridas por peregrinos «romeiros» no seu itinerário de fé e de piedade, a caminho da cidade, consagrada pelo martírio de São Pedro e São Paulo. Poder-se-ia dizer que foi uma «escolha estratégica», destinada a oferecer — a quem do Norte chegava a Roma, depois de tantas fadigas e mesmo, nalguns casos, depois dos perigos de uma longa viagem — acolhimento e assistência, e, quando estavam doentes, também socorro e abrigo.

Não me aplicarei a recordar as singulares e constantes solitudes que, no decurso dos séculos, os Pontífices, meus predecessores, reservaram a este Hospital, confiando-o para a direcção a especiais Confrarias, honrando-o com o título de Arqui-hospital e destinando-o àqueles que estavam atacados de doenças, em tempos consideradas «intratáveis» ou, melhor, «não curáveis» (cf. Bula *Salvatoris nostri*, de Leão X, com data de 19 de Julho de 1515: *Bullarium Romanum*, t. III, p. III, 418-420; cf. *ibid.* 421-23).

Bem mais importante considero eu outro dado, que é índice de um prestigioso nível espiritual: na idade do Renascimento italiano, o Sant'Iago foi *campo activo de caridade* para algumas grandes figuras de Santos. *São Caetano de Thiene* fez dele, por muitos anos, a sua residência habitual, a fim de estar perto dos irmãos doentes. *São Filipe Néri* frequentou-o desde jovem como lugar onde exercitasse a compaixão e esteve entre os primeiros que entreviram a oportunidade de garantir aos convalescentes um período de descanso em lugar adaptado, antes de retomarem o trabalho. *São Félix de Cantalice*, tão popular na Roma de Quinhentos, aqui se dirigia com frequência para ajudar os seus Irmãos Capuchinhos, que trabalhavam aqui no seu tempo. Mas mais que os outros está ligado a Sant'Iago o nome de *São Camilo de Lélis*, que nele passou quase dez anos da sua vida, como doente, empregado, enfermeiro e Mestre de casa. Depois de convertido das dissipações da juventude, celebrou, na anexa e antiga igreja de Sant'Iago, a primeira Missa, e pode dizer-se que precisamente da experiência sofrida e concreta, aqui completada, tirou as linhas tão prudentes de acção pastoral, que fixou depois na Regra da sua Congregação dos «Ministros dos Enfermos». Ainda hoje, dentro destes muros venerandos, paira o seu espírito, e — podemos acrescentar — ainda opera aqui, graças à presença e à dedicação dos «seus» Religiosos.

3. Mas o encontro hodierno correria o risco de ficar abstracto e impessoal, se não houvesse, da minha parte, uma palavra particular e directa para as pessoas que, com a sua presença e o seu trabalho, animam como verdadeiros protagonistas a realidade hospitalar. Dirijo-me primeiro que tudo a vós, estimados Médicos e Professores, que juntamente com os vossos Colaboradores tendes a responsabilidade primária de tratar os doentes, necessitados como se encontram de compreensão humana e carinho fraterno, antes ainda que de eficazes e apropriadas terapias.

Conheço bem as dificuldades de vários géneros, que são próprias da vossa profissão: além dos sacrifícios facilmente calculáveis, que se chamam dever da presença, da prontidão em intervir ou de ser encontrado nos casos urgentes, há exigência de estar actualizado no sector médico-científico que, nos nossos dias, pelo ritmo incessante da busca e da experimentação, se encontra em estado de constante desenvolvimento.

Tudo isto se resume numa palavra, que só aparentemente pode parecer usual e comum: é a palavra «serviço», que deve entender-se como luta *contra* a doença e esforço *em favor do* doente. O vosso é, na realidade, serviço prestado à vida ou, melhor ainda, ao vivente, isto é àquele homem, que — como diz um insigne Padre da Igreja antiga — precisamente porque vivente, é em concreto, glória de Deus: *Gloria Dei homo vivens* (S. Ireneu, *Adversus Haereses*, IV, 20, 7). Desta altura de perspectiva emerge toda a grandeza e nobreza da profissão sanitária, que é ao mesmo tempo arte e ciência, porque, ao lado de uma séria preparação doutrinal, requer agudeza de intuição psicológica. Se a vida é dom de Deus — grande dom de Deus —, deve constituir para vós o ponto terminal e inevitável de referência, para que é necessário olhar continuamente em todos e cada um dos cuidados e das fases, em que se recompõe o exercício de uma arte tão delicada. E, por sinal, ao vivente que, desde o primeiro instante em que se abre este sempre novo e assombroso mistério da vida, se dirige o vosso serviço, alcançando assim imediatamente um carácter de sacralidade. Eis o princípio primeiro, o princípio absoluto, que diz respeito à ética profissional e não admite excepções e violações: ele, portanto, deve ser — e faço votos por que seja sempre — *ponto de honra*.

Sim, a honra! *Honra medicum*, diziam os antigos e agora assim quero repetir, como título de justo reconhecimento dos vossos méritos diante da sociedade humana e como confirmação, também, da estima com que a Igreja desde sempre seguiu e animou o vosso trabalho.

4. E agora desejo dirigir-me a vós, caros Religiosos Camilianos e Reverendas Irmãs da Misericórdia, que aos enfermos dedicais os vossos assíduos cuidados pastorais. Quando há pouco recordei as quatro figuras de Santos, cuja memória está aqui como bênção e como exemplo perene, pensava especialmente em vós, porque é deles que deve tirar inspiração e conforto o vosso cuidadoso trabalho quotidiano. Como os médicos, também vós estais aqui aplicados a um serviço, obviamente diverso, que diz respeito propriamente à esfera religiosa e pastoral. Quais são as qualidades de tal serviço? Como podemos chamar-lhe? Descrição; doçura; cuidado; sensibilidade; capacidade de encaminhar, retomar ou desenvolver — em variar as condições psicológicas ou as circunstâncias de pessoas —, um discurso de fé? Sim, sem dúvida; mas é melhor usar a palavra mais exacta, que nos é oferecida pelo vocabulário cristão. Os Ministros dos Enfermos e as Irmãs da Misericórdia têm por divisa a caridade e esforçam-se por proceder como Jesus, o divino Mestre, como aquele «Filho do Homem que não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida pela redenção de muitos» (*Mt. 20, 28; Mc. 10, 45*). Procedei de tal modo, irmãos e irmãs, que no seguimento luminoso dos Santos que imitaram aqui a Cristo Senhor, a caridade mais genuína e solícita seja a inspiradora soberana de tudo o que vós

fazeis em pró dos doentes.

5. Por fim, dirijo a minha palavra a vós, Irmãos doentes, a vós que pudestes vir até aqui, e também a vós que, por motivo das condições de saúde, ficastes nos respectivos pavilhões, quartos e enfermarias. Esta palavra desce daquela mesma chama de caridade evangélica, que recomendei até agora, como virtude-guia, aos vossos Capelães e às vossas Irmãs.

© Copyright 1980 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana